

## PRÁTICAS PRETAGÓGICAS MOVIMENTANDO O CURRÍCULO ESCOLAR SISTEMATIZADO

*Cláudia de Oliveira da Silva  
Lúcia Maria da Silva  
Samuel Morais Silva*

### Resumo

Este artigo apresenta algumas experiências pretagógicas que contribuíram com a prática de uma educação afrorreferenciada em escolas públicas cearenses. A educação sistematizada precisa estreitar vínculos com as comunidades para contribuir com o fortalecimento do afro pertencimento e cumprir com as disposições das Leis 10.639/03 e 11.645/08, que garantem a valorização da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena na Educação Básica. Para contribuir com essas reflexões e práticas, nos apropriamos do referencial teórico-metodológico da Pretagogia, que é uma pedagogia que valoriza as vozes dos sujeitos, as cosmopercepções afro, os conhecimentos ancestrais, através dos marcadores das africanidades e dos conhecimentos construídos por gerações. Embora esta proposta ainda esteja em tessitura, é importante sinalizar alguns resultados. Evidencia-se, então, a aproximação e o engajamento da escola com a comunidade, a valorização da história, memória e ancestralidade, bem como, o encantamento pela efetivação do currículo afrorreferenciado.

**Palavras-chave:** Pretagogia; Experiências Pedagógicas; Currículo Afrorreferenciado.

## PRETAGOGICAL PRACTICES MOVING THE SYSTEMATIZED SCHOOL CURRICULUM

### Abstract

This article presents some pretagogical experiences that contributed to the practice of an Afro education referenced in public schools in Ceará. Systematized education needs to strengthen ties with communities to contribute to strengthening Afro-belonging and comply with the provisions of Laws 10,639/03 and 11,645/08, which guarantee the appreciation of African, Afro-Brazilian and indigenous history and culture in Education Basic. To contribute to these reflections and practices, we appropriate the theoretical-methodological framework of Pretagogy, which is a pedagogy that values the voices of subjects, Afro cosmoperceptions, ancestral knowledge, through the markers of Africanities and knowledge constructed by generations. Although this proposal is still being developed, it is important to highlight some results. Therefore, the school's proximity and engagement with the community, the appreciation of history, memory and ancestry, as well as the enchantment for implementing the Afro-referenced curriculum, are evident.

**Keywords:** Pretagogia. Pedagogical Experiences. Afro-Referenced Curriculum..

## LAS PRÁCTICAS PRETAGÓGICAS MUEVEN EL CURRÍCULO ESCOLAR SISTEMATIZADO

### Resumen

Este artículo presenta algunas experiencias pretagógicas que contribuyeron a la práctica de una educación afro referenciada en las escuelas públicas de Ceará. La educación sistematizada necesita estrechar lazos con las comunidades para contribuir al fortalecimiento de la afropertenencia y cumplir con lo dispuesto en las Leyes 10.639/03 y 11.645/08, que garantizan la valorización de la historia y la cultura africana, afrobrasileña e indígena en la Educación Básica. Para contribuir con estas reflexiones y prácticas, nos apropiamos del marco teórico-metodológico de la Pretagogía, que es una pedagogía que valoriza las voces de los sujetos, las cosmopercepciones afro, los saberes ancestrales, a través de los marcadores de las africanidades y de los saberes construidos por generaciones. Aunque

esta proposta aún esté en desarrollo, es importante destacar algunos resultados. Así, son evidentes la proximidad y el compromiso de la escuela con la comunidad, la valorización de la historia, de la memoria y de la ancestralidad, así como el encanto por la implementación del currículo afro-referenciado.

**Palabras clave:** Pretagogia; Experiencias Pedagógicas; Currículo Afro-referenciado.

## INTRODUÇÃO

Após anos de experiência com alfabetização de crianças, temos percebido o distanciamento do currículo escolar sistematizado em relação à história de vida dos(as) educandos(as). A maioria das escolas trabalha com conteúdos desvinculados da realidade local, atividades que muitas vezes não consideram respostas subjetivas, pois são preparadas para que não haja expansão de ideias e permaneçam no alinhamento determinado.

Essa tem sido uma problemática presenciada por nós, enquanto pesquisadores(as) e professores(as) de escolas públicas. Temos nos deparado com um currículo pronto e delimitado para que os(as) educandos(as) reproduzam conteúdos sem ligação com o cotidiano e a comunidade na qual estão inserido(as).

Diante dos fatos evidenciados nos nossos campos de investigação, temos como objetivo principal possibilitar que práticas pretagógicas inspirem a comunidade escolar a desenvolver ações educativas valorativas da história, memória e ancestralidade dos(as) educandos(as).

Sabemos do desafio que é construir um currículo escolar que seja porta-voz de seu público participante, “de modo que os atores sociais sejam ouvidos e tenham suas vozes consideradas, para não mais reproduzir situações extremamente autocráticas, que criam exclusões profundas” (MACEDO, 2015, p. 81).

As escolas que atendem as crianças quilombolas, de terreiro, crianças negras em geral, na maioria das vezes não valorizam as potencialidades das populações tradicionais e originárias, como também não discutem temáticas que contemplem as religiões de matriz africana.

A cultura, a religiosidade, a oralidade e os aspectos das africanidades continuam sendo invisibilizados nas escolas, porque os municípios brasileiros não efetivaram de fato as Leis Nº 10.639/03 e Nº 11.645/08, gerando um déficit na implementação de políticas públicas de desenvolvimento educacional.

Salientamos a relevância das atividades pretagógicas, realizadas no âmbito das pesquisas, oportunizando o despertar da comunidade escolar para fazer valer as determinações legais da Educação para as Relações Étnico-raciais.

## METODOLOGIA

Somos duas educadoras e um educador nos propondo refletir sobre práticas pedagógicas de ensino e aprendizagem em escolas da Educação Básica, a partir de conceitos operatórios da Pretagogia. Este referencial teórico-metodológico nos oferece diversas possibilidades para desenvolver um ensino significativo e uma aprendizagem satisfatória, do ponto de vista da contribuição para o afro pertencimento.

Desse contexto pretagógico, emergiram através de experimentações educativas, os marcadores das africanidades, para a construção da árvore dos afrossaberes, que possibilitam o autoconhecimento e reconhecimento da ancestralidade, de forma ampla e espiralar. Além dessas, destacamos as estações de aprendizagem que nos conectam com diversos saberes, conhecimentos, diálogos e memórias individuais e coletivas. Sobre os marcadores das africanidades, Petit (2016) explica que

[...] são marcas daquilo que nos conecta, desde membros da nossa linhagem, práticas religiosas, e espirituais, artísticas, de saúde, culinárias, arquiteturas, presentes no cotidiano e na memória familiar e coletiva de todos os brasileiros, independentemente de sua cor de pele (PETIT, 2016, p 667).

Na certeza do rumo afrorreferenciado que a Pretagogia inspira, é que a professora Dr<sup>a</sup> Sandra Haydée Petit, junto a um grupo de intelectuais ligados diretamente ao Núcleo das Africanidades Cearenses (NACE), um Núcleo de Estudo Afro-brasileiro, ligado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará - UFC, está investindo na formação inicial e continuada de professores(as) sobre a implementação da Lei 10.639/2003.

E como a Pretagogia é constituída em conceitos de base africana, toma cada vez mais corpo como uma abordagem afrorreferenciada para a formação de professores(as). Assim, do entrelaçar de raízes-saberes e teóricas-metodologias, nasce mais alguns conceitos operatórios, que são os seguintes princípios suleadores: ancestralidade, pertencimento, espiritualidade e transversalidade, que permitem um olhar mais amplo sobre essas temáticas, nos envolvendo a partir de nossas próprias experiências.

Deste modo, a Pretagogia valoriza as histórias de vida dos sujeitos, e, assim, nos aproxima cada vez mais do objeto de pesquisa gerando interação, empatia e pertencimento a respeito das temáticas desenvolvidas. Por isso, trazemos um pouco da nossa história demonstrando nossa relação com as reflexões aqui apresentadas.

Diante dessas constatações nos perguntamos: como os conceitos operatórios da pretagogia podem contribuir com a efetivação de um currículo que contemple as histórias de vida dos(as) educandos(as)? As possibilidades são potencializadoras, como é o caso de iniciar a partir dos afrossaberes de cada participante. Essa é uma forma de tornar visível e valorativa a trajetória de cada pessoa, principalmente daquelas que tiveram suas histórias negadas e invisibilizadas no currículo escolar.

Nesse sentido, tendo a Pretagogia como base teórica-metodológica, é que elaboramos algumas experiências afrorreferenciadas, que estão em andamento nas nossas pesquisas de doutorado na UFC, onde estamos dialogando com escolas da rede pública, quilombos e terreiros de umbanda. Desta feita, é necessário conhecermos as trajetórias das autoras e do autor, para que assim possamos tecer nossas histórias, das e dos discentes, para a construção de outras narrativas negras e valorização da historiografia da população afrodescendente no âmbito escolar (SILVA, 2018).

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A educação tem sido uma bandeira de luta permanente, principalmente no que diz respeito a Educação para as Relações Étnico-Raciais. São décadas de reivindicação contínua

em busca da implementação e valorização da história do povo negro no currículo escolar. A população brasileira tem maioria de pessoas negras, mas não reconhece esse fato na educação e nem em outras políticas públicas de direito.

A educação como princípio básico fomenta o direito à qualidade formativa e quando falamos em melhorar o ensino brasileiro, precisamos pensar na formação de professores(as) de forma específica para tratar das questões raciais. Esse trabalho necessita ser realizado por todos os professores(as) que atuam nas escolas.

Sob a perspectiva da luta por uma educação antirracista, abrimos a porteira do Quilombo para apresentar Cláudia de Oliveira da Silva, uma mulher nascida e criada no quilombo Serra do Juá no município de Caucaia – Ceará. Desde 2009, ela vem construindo seu afro pertencimento, inclusive adquiriu o nome social de Cláudia Quilombola, do qual tem imenso orgulho.

Sua relação com a educação iniciou-se aos quatorze anos de idade, quando começou a trabalhar como alfabetizadora na sua própria comunidade. Desde então, trabalha como professora e o que antes não percebia sobre a colonização através do currículo, hoje, com mais conhecimentos, consegue refletir sobre o engessamento do currículo sistematizado, o que implica diretamente no acesso, permanência e sucesso dos(as) educandos(as).

Sua trajetória perpassa os trabalhos educativos no quilombo, bem como o ativismo social na comunidade, através da Associação Quilombola da Serra do Juá e em outras comunidades, com a Caravana Quilombola. As vivências em diversos espaços da comunidade quilombola contribuíram com a construção do seu pertencimento, compreendendo que a educação e a cultura são ferramentas de construção de plena cidadania.

Nas suas experiências como alfabetizadora e principalmente na época da pandemia do Covid-19, pôde perceber com evidências o quanto o currículo distancia as pessoas das suas histórias, vivências e memórias. Foi um período em que as crianças tiveram a oportunidade de desenvolver habilidades de forma prática, vivencial, porém a escola, em sua maioria, disponibilizou tarefas cansativas para serem respondidas e enviadas por fotos, através de meios digitais.

Diante desse diagnóstico, a professora Cláudia Quilombola provocou a comunidade escolar, a qual estava atuando (2021) para desenvolver um projeto que garantisse a participação de todos(as), de forma dinâmica e vivenciada. As crianças do Ensino Fundamental, Anos Iniciais, da Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental José Crisóstomo Basílio, localizada na comunidade Camará, região camponesa em Caucaia/CE, prontamente se manifestaram com sugestões de como gostariam de aprender e quais metodologias queriam desenvolver.

Esse foi um importante ponto de partida para idealizar e desenvolver o projeto Etnosaberes na sala de aula, compreendendo que os anseios dos(as) educandos(as) estão pautados diretamente em uma educação emancipadora, construída a partir dos interesses de seus atores, promovendo a intergeracionalidade, manutenção da memória coletiva e do patrimônio cultural. (MATOS; SILVA, 2021).

O currículo é uma ferramenta de poder das classes dominantes, por isso, é fundamental trazer para a sala de aula temáticas que aproxime o(a) educando(a) de suas raízes e o(a) inclua no meio social (MATOS; SILVA, 2021).

O projeto supramencionado deu subsídios para confirmar as inquietações da professora Cláudia Quilombola, que nos seus mais de trinta anos de experiência em alfabetização, nos últimos anos tem se deparado cada vez mais com crianças fora da faixa etária de alfabetização, sendo promovidas para as séries seguintes sem condições de acompanhar os estudos, por não saberem ler e escrever.

Atualmente, Cláudia Quilombola investiga sobre o aquilombamento do currículo de escolas quilombolas e teve sua pesquisa aceita na comunidade quilombola Serra do Evaristo e Escola de Ensino Infantil e Fundamental Osório Julião, localizadas no município de Baturité/CE. Do mesmo modo, a pesquisa também está sendo desenvolvida na comunidade quilombola Três Irmãos e Escola Quilombola de Ensino Médio Luzia Maria da Conceição, no município de Croatá da Serra, microrregião da Ibiapaba, no estado do Ceará.

O trabalho formativo com os(as) professores(as), gestores(as) e comunidade teve a primeira etapa concluída, totalizando três encontros presenciais em cada território pesquisado e foi inspirado nos conceitos operatórios da Pretagogia. As práticas formativas têm o mesmo planejamento para ambos os grupos co-pesquisadores. E, para este artigo selecionamos uma ação para cada comunidade e escola participante, através de um pequeno recorte do que aconteceu.

Na primeira formação realizada na escola Osório Julião e comunidade quilombola Serra do Evaristo, trabalhamos com o conceito do Pertencimento, através dos Marcadores das Africanidades, onde apresentamos o conto queniano “As panquecas da Mama Panya”. O conto serviu de suporte pedagógico para a identificação dos marcadores das africanidades, além de sugerir objeto do conhecimento para incorporar ao currículo aquilombado. As considerações coletivas sobre a temática foram animadas pela degustação de comidas da tradição alimentar da comunidade, num momento de conagração comunitário.

No segundo encontro com a Escola Luzia Maria da Conceição e comunidade quilombola Três Irmãos, trabalhamos o conceito operatório da Ancestralidade, um momento muito rico de conhecimento, histórias e memórias ancestrais. A metodologia utilizada foi as estações de aprendizagem, que motivaram os(as) participantes a revisitarem suas memórias, motivadas por práticas meditativas de valorização da linhagem parental.

Trabalhamos com subtemas através das seguintes mandalas: Mandala Afro-ancestral-Baobá, a árvore da ancestralidade; Afro estética e afro empoderamento; e Sabores, saberes e sacralidade. Utilizamos diversos recursos para nos ajudar na construção dos conhecimentos, desde músicas, vídeos, textos, livros, imagens, objetos da cultura quilombola local e alimentos, pois essa prática é constante nos quilombos e faz parte do currículo, pois as receitas de cada comunidade estão carregadas de sentidos, modos de fazer e sacralidade do ponto de vista das africanidades.

Nesse sentido, delinea-se desde nossas experiências, tecendo escrituras, como nos ensina Conceição Evaristo (2017), que implica em criar nossas próprias ferramentas pedagógicas, nossas próprias categorias conceituais, nossos próprios palavreados didáticos, para aprender e ensinar nossas epistemologias, nossas metodologias e nossos currículos,

compreendendo que a oralidade é fundante e é ela a linha da tessitura desses fazeres escolares, comunitários, quilombolas, dessa escrita, desse artigo, pois ela, a oralidade, é a linha que trança os saberes ancestrais africanos e indígenas (MACHADO, 2019).

Oralidade desenhada por corpos, sobretudo de mulheres negras, que sentem, que pensam filosoficamente, que vivenciam pretagógicamente, que experimentam na comunidade, que experienciam na escola, que sonham, que criam, que significam, que ressignificam práticas educativas, como as da próxima autora.

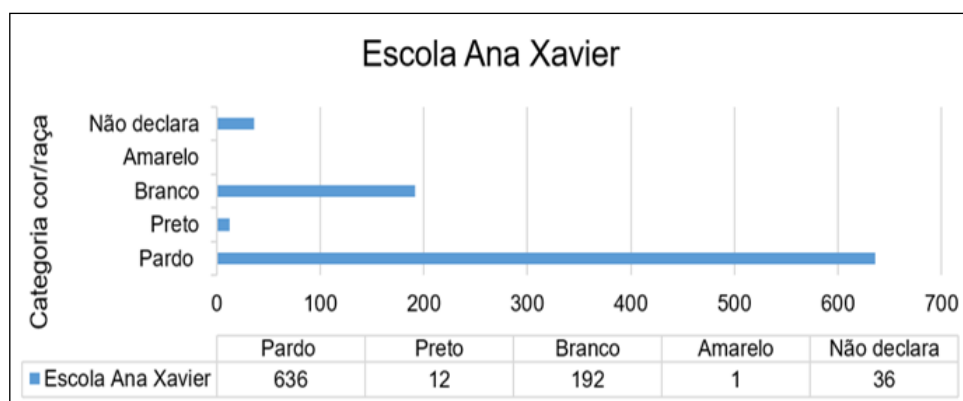
Lúcia Maria da Silva é uma mulher negra, de 62 anos, nascida na cidade de Russas-Ceará, localizada na região do baixo Jaguaribe. É professora efetiva da rede de ensino do município e sua atuação no campo de uma educação antirracista, teve início no ano de 2002, quando sofreu um ato de racismo em praça pública, e, desde então, vem desenvolvendo ações educativas que promovam o combate ao racismo em todas as suas esferas.

É um trabalho lento e seus frutos não serão saboreados por todos(as) nós que estamos na luta, porém, certamente, nossas ações frutificarão para que gerações vindouras possam saborear e regar as sementes, lançadas por seus ancestrais.

Desta forma, para promover esta ação de uma educação antirracista, apresentamos resultados das formações pretagógicas que foram desenvolvidas na Escola Municipal Ana Xavier Lopes. A escola está geograficamente localizada no bairro Planalto da Bela Vista, cuja população é composta essencialmente de pessoas negras e afrodescendentes. Esta formação é fruto do seu projeto de doutorado, que tem como título: Pretagogia e Marcadores das Africanidades: Contribuindo para a Educação das Relações Étnico-Raciais em Escolas Públicas do Município de Russas/CE.

O Censo Escolar 2022, da escola Ana Xavier Lopes, registra o total de 877 alunos(as), sendo assim classificados(as) nas categorias cor/raça: 636 consideram-se pardos; 12 autodeclararam-se pretos; 192 identificam-se como brancos; Um afirma ser amarelo e 36 preferem não declarar sua cor, como mostra o gráfico a seguir.

**Figura 1- Censo Escolar 2022 Escola Ana Xavier**



Fonte: Censo Escolar 2022.

O corpo docente da escola é formado praticamente por professoras(as) que não fazem parte da comunidade do Planalto da Bela Vista, em sua maioria se identificam como

peças brancas e apenas um número bem reduzido é da comunidade, mas que também não se autodeclararam pessoas negras ou mesmo pardas. Daí, a necessidade e importância deste trabalho pedagógico ser desenvolvido na escola.

No primeiro módulo da formação, Tecendo a Pedagogia na Escola Ana Xavier Lopes, foram trabalhados com os conceitos operatórios, Ancestralidade e Pertencimento. As atividades foram realizadas com os(as) professores(as) dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Participaram 14 professoras, a diretora e a coordenadora da etapa supracitada.

As formações tinham como principal objetivo despertar o pertencimento afro nos(as) participantes. Assim, na primeira formação, a professora facilitadora Lúcia Silva fez sua apresentação pessoal, utilizando as músicas Quilombo, do Grupo Samba de Dandara, Coisa da Antiga, interpretada por Clara Nunes e, por fim, a música Afroamêrica, do grupo Coisa Luz. Com essas músicas ela apresentou sua história de vida, buscando elementos ancestrais, que geraram seu pertencimento racial e seu comprometimento com uma educação antirracista.

As formações foram desenvolvidas tendo como pano de fundo a promoção do pertencimento étnico-racial dos(as) professores(as), através de um olhar sankofa, onde buscávamos aprendizagens de nossas várias etapas de vida, e, neste olhar voltado ao passado, fomos plantando as várias sementes que estavam secando ao longo de nossa caminhada numa educação eurocentrada.

A cada formação uma movimentação do currículo presente em nossas mentes, no qual fomos educados(as) foi desobstruindo as veias do intelecto para inserir outros conhecimentos, pois ao longo do processo de formação humana e educacional foi instalada apenas uma substância, com vistas a gerar uma reação, que seria a de colonizador e colonizado, onde sempre haveria alguém que pensava o que seria injetado na mente dos eternos colonizados.

Gerado este sentimento de pertença de africanidades de forma individual, foram formadas equipes para construir as árvores de seus afrossaberes. A árvore poderia ser apresentada de várias formas de produções didáticas. Desta maneira, as equipes formadas apresentaram seus afrossaberes através de cordel, poema, música, desenhos e outras linguagens.

Com esta primeira etapa de formação, pretendíamos encantar os(as) professores(as) através do referencial teórico-metodológico da Pedagogia. Trazemos as palavras de Adilbênia Machado (2014), para contribuir com a reflexão sobre o encantamento pedagógico:

O encantamento é aquilo que dá condição de alguma coisa ter sentido de mudança política, de outras construções epistemológicas, é o sustentáculo, é o que desperta e impulsiona o agir, é o que dá sentido. É esse encantamento que nos qualifica no mundo, trazendo beleza ao pensar/fazer com qualidade, ao produzir conhecimentos com/desde os sentidos. É desse olhar encantado, dessa ancestralidade encarnada, dessa alteridade desejada que se constroem filosofias que se realizam como descolonizadoras, como concebemos a filosofia africana (MACHADO, 2014, p. 01).

O encantamento gerado nos(nas) professores(as) deverá propiciar um novo olhar sobre os(as) alunos(as) negros(as), afrodescendentes, pardos e até por quem não se reconheceu em nenhuma categoria de cor. O encantamento promoverá o planejamento de atividades e questionamentos que venham promover a autoestima e a valorização das crianças da escola, o que poderá, ao longo das formações vindouras, tornar-se compromisso da escola, com a inclusão da Lei 10.639/2003, e nas reformulações do Projeto Político Pedagógico-PPP.

Revisitar nossas histórias, movimentar nossas memórias, olhar para trás e enxergar os passos advindos nos oportuniza reatar o tecido ancestral, reunificar o elo com a terra-mãe África e com a nossa ancestralidade, pois somos elos de uma mesma corrente. Compreendemos que é tecendo essas memórias que cultivamos nossas negras raízes e retroalimentamos o nosso estar e existir no mundo, em interação com o outro. Nessa concepção, concordamos com Sueli Carneiro, quando ela lança mão da perspectiva metodológica do “paradigma do Outro” para (re)construir um outro lugar de fala, para aqueles que foram subvalorizados na história oficial. Segundo a autora,

[...] esse paradigma “expressa a vivência pessoal da discriminação racial e ativista negra no combate ao racismo e às estratégias de subjugação racial”. Além de conter as experiências compartilhadas da escravização, da memória ancestral, da afirmação ao pertencimento étnico cultural e da resistência à dominação e opressão as quais vivenciam (CARNEIRO, 2005, p. 25).

É nesse viés que caminham as reflexões apresentadas aqui. Por isso, ao mesmo tempo que falamos em nossas trajetórias, falamos também das trajetórias das nossas irmãs e irmãos negras e negros, que, na ótica do grupo brancocêntrico privilegiado, somos as(os) vitimistas da história.

Expressamos vivências, sentimentos e emoções pessoais a partir do lugar da dor e da luta, expondo corajosamente algumas feridas para oferecer a outros(as) sujeitos(as) afrodescendentes, nossa experiência como meio para mapear novas jornadas teóricas e práticas no campo das relações étnico-raciais (HOOKS, 2017). “Não é fácil dar nome a nossa dor, teorizar a partir desse lugar” (Idem, 2017, p. 103), mas somos capazes de dirigir diretamente a dor que está dentro das pessoas e oferecer-lhes palavras de cura, estratégias de cura, teorias e práticas de cura.

Dito isso, tomamos a liberdade para abrir a porta do terreiro e apresentar Samuel Morais Silva, um negro em movimento, ponta de lança que quer perfurar o âmago dessa sociedade racista, um educador antirracista que procura, por meio da escola, ajudar negros(as) a se libertar do arsenal de complexos germinados no seio da situação colonial (FANON, 2008).

Originário de um meio materialmente desprivilegiado, oriundo da classe trabalhadora pobre e negra, ele teve que driblar muitos impasses, quebrar freios sociais e pular as linhas de fronteiras que separam os/as oprimidos/as dos/as opressores/as, para se sobressair da situação de marginalidade perpétua.



Cresceu em meio às africanidades, todavia só foi aflorar sua consciência para o ser negro e para os artefatos da cultura negra, na fase adulta. Viveu em conexão com a cosmovisão africana, no entanto, só foi sentir a cosmosensação depois de crescido. A sua relação com as africanidades está fincada desde a infância nos bairros negros de onde ele é e até hoje convive. Lugares em que as cenas de vidas são tão marcantes e muito têm a nos instruir, são bairros que dizem muito sobre seu pertencimento étnico e sobre a população negra brasileira.

Entre os cultos afrorreligiosos do terreiro do seu pai biológico e também pai-de-santo, e o terreiro de Naninha, mulher que lhe criou, foi se instruindo e (re)nascendo consigo mesmo e com o outro, para compreender a ética do conviver socialmente no mundo. Seguindo esse ciclo ancestral, ao renascer na religião de base africana, aprendeu a respeitar a do semelhante.

Contudo, ostentar sua negritude foi um processo delicado por razões dos aspectos maléficos do racismo e dos seus derivados, os quais ele e seus pais foram vítimas. São experiências e sentimentos incutidos que, sendo dolorosos/as vivenciá-las/os, transformaram-se em potência e desdobramentos para lutar de modo enfático e contundente contra o racismo, sobretudo no âmbito escolar, espaço que ele considera arma poderosa para combater os preconceitos e discriminações institucionais. Todavia, precisou passar por vários estágios na vida para chegar a este momento que logrou incontáveis aprendizados e crescimento humano, espiritual, intelectual e profissional.

É o caso da sua pesquisa de mestrado, que deu continuidade no doutorado, onde pesquisa práticas pretagógicas umbandistas e suas implicações no âmbito escolar. A pesquisa formativa que está na sua feitura circunscreve a possibilidade de afirmar uma mirada ancestral na formação docente, a partir de enraizamentos pretagógicos no terreiro de Umbanda, como balizador de uma educação afrorreferenciada.

O lócus de investigação é o terreiro de Umbanda Casa Oxóssi, situado na cidade de Crato, na região do Cariri Cearense, e o corpo docente de uma escola pública da rede municipal da citada cidade. Para tanto, serão realizadas vivências pretagógicas com os(as) professores(as) intentando a produção de um arcabouço que atenda a efetivação da Lei 10.639/2003 que torna obrigatório o estudo da história e cultura africana e afro-brasileira em todos níveis de ensino, no caso de sua pesquisa, especialmente o estudo das religiões de matrizes africanas.

Assim, vamos tecendo nossas trajetórias, construindo história em caminhos preparados por nossos ancestrais, mesmo que cada um(a) viva e atue em territórios distantes e distintos, trazemos muitas coisas em comum. As lutas, as resistências, o desejo de uma sociedade com mais amor, principalmente com mais humanidade na educação. Temos certeza que somos incentivo de coragem para a luta dos(as) nossos(as), assim como eles(as) são a substância que nos fortalece no enfrentamento ao acesso à universidade pública, como um ato político de ruptura do sistema colonizador e do currículo linear e excludente no campo educacional.

As práticas formativas realizadas pela professora Cláudia Quilombola apresentaram uma boa aceitação por parte dos membros da escola e da comunidade, mas não podemos

esquecer um fator decisivo, que é compreender a forma como cada comunidade se organiza em seu tempo e reivindicações.

Algo que chamou atenção em uma das comunidades foi perceber que quando nos aproximamos dos(as) moradores(as) indo até suas residências para convidá-los a participar dos encontros, temos mais participantes e mais engajamento. Isso nos mostra que um dos caminhos que a escola precisa trilhar, além de trazer a comunidade à escola, é também fazer o movimento de retorno, estando presente nos espaços da comunidade e nas residências das famílias. Esse fato evidencia a necessidade das lutas por reconhecimento, direitos e afirmação cultural na educação, mobilizar competências criadoras de autonomias emancipadoras, fundamentadas em aportes epistemológicos éticos, estéticos e políticos-pedagógicos (MACEDO; SÁ, 2015, p. 11).

Esse compartilhar de saberes e o estreitamento dos laços afetivos fazem a diferença no quesito de gerar credibilidade para que professores(as) (mesmo os(as) que não pertencem a comunidade), possam fomentar os conhecimentos ancestrais do lugar. Criamos um blog na internet para que as comunidades e escolas co-pesquisadoras se conheçam e consigam se fortalecer umas nas outras, a fim de inspirarem outras escolas no Ceará.

Até aqui as práticas formativas que a autora Cláudia Quilombola está organizando através de sua pesquisa nas comunidades quilombolas supramencionadas têm sido somente com professores(as), gestores(as) e comunidade, mas ainda no segundo semestre de 2023 alguns professores(as) irão realizar práticas em sua sala de aula, as quais deverão ser analisadas para fins de resultado da pesquisa.

O que nos motiva é saber que de início percebemos os(as) professores(as) tímidos(as) em relação às questões raciais, muitas vezes, com medo de sair do currículo alinhado, mas quando temos a oportunidade de envolvê-los(as) em ações pretagógicas, somos surpreendidos(as) com os depoimentos, como é o caso de professores(as) que participaram da formação com a professora Lúcia Silva.

Ao final da primeira etapa de formação pretagógica tivemos depoimentos bastante substanciais, como demonstramos a seguir:

Trouxe conhecimentos, foi dinâmico e curioso, porque envolve a história de cada um de nós(essência);

Muito enriquecedor para nosso desenvolvimento cultural;

Momento riquíssimo, pois descobri histórias as quais não sabia, do nosso Tabuleiro (Planalto). Temos que retomar as raízes. Muito enriquecedor;

Foi motivador o encontro, nos desperta para aprender muito sobre nossa realidade local e a partir daí, melhorar as possibilidades de ensino e aprendizagem;

O encontro trouxe novos conhecimentos, trazendo reflexões sobre quem somos;

Esse encontro foi bastante importante, para minha formação, principalmente para o meu pessoal, pois trouxe uma inquietação acerca da

minha história. Saio dessa noite com um sentimento inquietante no tocante a buscar o pertencimento pretagógico.

Gratidão por não permitir o adormecimento das memórias que construíram nossa sociedade;

Momento rico de interação com a cultura africana, músicas com letras riquíssimas de saberes africanos;

Esse encontro me trouxe conhecimentos muitos ricos e apresentação de muitas coisas que a gente conhecia, mas não tinha entendimento correto; Esse encontro me fez perceber o quanto somos importantes para a história da nossa cidade, pois somos construtores dessa história diariamente.

(Depoimentos dos(as) professores(as) sobre a formação. 2023)

Sentimos muita alegria em fazer parte dessas mudanças tão significativas para nós, enquanto educadores(as), pesquisadores(as), ativistas da educação antirracista e com isso, aumentamos a esperança e a confiança que em breve teremos muitos focos de currículos sendo transformados pela cultura, história, oralidade, ancestralidade, territorialidade e espiritualidade afro-brasileiras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um artigo como esse não conhece conclusão nem consideração final, porque está sempre em processo, no gerúndio, se fazendo. Podemos, entretanto, ressignificá-lo, o que pode ser feito tanto na forma como no conteúdo.

Recuperamos aqui, como portal de abertura e convite para o diálogo conjunto e permanente com educadores(as), práticas pretagógicas que movimentam o currículo sistematizado, produzidas na experiência de suas próprias histórias de vida – que são também dispositivos pretagógicos- tradutoras de ricas e prazerosas experiências em combustível educacional, capaz de movimentar nossos currículos, empretecendo nossas ações afirmativas, gerando ética e estética para nossa comunidade escolar e agindo firme e ancestralmente na construção de um mundo que respeite e se baseie nos ensinamentos da natureza, do quilombo, do terreiro, das divindades e na igual dignidade de todos os seres.

## REFERÊNCIAS

CARNEIRO, S. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

EVARISTO, C. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

HOOKS, Bell. *Ensinando a Transgredir: A educação como prática de liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/RussasCobogó:Ipeafro,2022>. Acesso em: 07 de ago. 2023.

MACEDO, R. S.; SÁ, S. M. M. de. *Etnocurrículo: Etnoaprendizagens: a educação referenciada na cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

MACHADO, A. F. Filosofia africana para descolonizar olhares: perspectivas para o ensino das relações étnico-raciais. #Tear: *Revista de Educação, Ciência e Tecnologia*, Canoas, v. 3, n. 1, 2014. DOI: 10.35819/tear.v3.n1.a1854. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/1854>. Acesso em: 7 ago. 2023.

MACHADO, A. F. *Saberes ancestrais femininos na filosofia africana: poéticas de encantamento para metodologias e currículos afrorreferenciados*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação, 268p, Fortaleza, 2019.

MATOS, Natália Albano de; SILVA, Cláudia de Oliveira da. Práticas pedagógicas em turmas multisseriadas: uma reflexão para a construção do etnocurrículo da Escola José Crisóstomo Basílio – Caucaia-Ceará. III Copene Nordeste. Agenda 2040. *Desafios e avanços para políticas públicas e de ações afirmativas no Nordeste na sequência de Durban*. 27 a 29 de outubro de 2021. P. 07. ISSN (2358- 5250).

NASCIMENTO, E. La.; GÁ, L. C. *Adrinkera: sabedoria em símbolos africanos*. 2. ed. Rio de Janeiro: 2022.

PETTT, S. H. Práticas Pedagógicas para a Lei Nº 10.639/2003: a criação de nova abordagem de formação na perspectiva das africanidades. *Educ. Foco*, Juiz de Fora, v.21, n.3, p. 657-684, 2016.

SILVA, S. M. *Baobando em uma formação de raiz africana com professoras(es) e núcleo gestor da educação básica na cidade de Crato-CE*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação, 239 p, Fortaleza, 2018.

#### **Informações do(a)s autor(a)(es)**

Nome do autor: Cláudia de Oliveira da Silva  
Afiliação institucional: Universidade Federal do Ceará  
E-mail: [claudia.quilombola@alu.ufc.br](mailto:claudia.quilombola@alu.ufc.br)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0490-5651>  
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5022963161849482>

Nome segundo autor: Lúcia Maria da Silva  
Afiliação institucional: Universidade Federal do Ceará

E-mail: [luciasilva2010@yahoo.com.br](mailto:luciasilva2010@yahoo.com.br)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8850-9466>  
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9027623507283051>

Nome terceiro autor: Samuel Morais Silva  
Afiliação institucional: Universidade Federal do Ceará  
E-mail: [samuelms1506@hotmail.com](mailto:samuelms1506@hotmail.com)  
ORCID: : <https://orcid.org/0000-0003-1338-8705>  
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4337281331060898>